



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

CELEBRAR COM ARTE, EMOÇÃO E COMPROMISSO - UMA TENTATIVA DE RESPOSTA À QUESTÃO: COMO TRAZER DE VOLTA A BELEZA E A ARTE PARA DENTRO DAS NOSSAS CELEBRAÇÕES LITÚRGICAS?¹

Celebrate with art, emotion and commitment - an attempt to answer the question: How to bring back the beauty and art into our liturgical celebrations?

Lusmarina Campos Garcia²

Resumo:

O texto levanta questões: Os nossos cultos e celebrações litúrgicas têm a capacidade de nos mover, reconciliar, envolver, revelar? Trazem lágrima ao olho e sorriso à boca com uma qualidade e significado profundos? Fazem uma hermenêutica das Escrituras e da vida que nos fortalece, desafia, consola e liberta? São cuidadosos equilibrando gênero, idade, orientação sexual, cor, capacidades físicas e intelectuais diferenciadas? Evocam as nossas profundidades ou se contentam com a superfície? São bonitos?

Palavras-chave:

Celebração. Compromisso. Beleza. Arte.

Abstract:

The text wants to bring some questions for reflection: Do our worship and liturgical celebrations have the ability to move us, to reconcile, to involve, to reveal? Do they bring tears to the eye and a smile to the mouth with a quality and deep meaning? Do they make a hermeneutics of Scripture and life that strengthens, challenges, consoles and liberates us? Are they careful in balancing gender, age, sexual orientation, color, differentiated physical and intellectual abilities? Do they evoke our depths or are they content with the surface? Are they beautiful?

Keywords:

Celebration. Commitment. Beauty. Art.

¹ Este texto foi publicado pelo CESEP em 2009. Adaptei-o para a TEAR.

² Bacharel em Direito e Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994) e Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (1985). É pastora da IECLB e liturgista. Seu trabalho conecta Teologia, Ética e Arte através do viés litúrgico e humanitário, buscando identificar e discutir temas relacionados à realidade de diversos segmentos sociais, principalmente de grupos minoritários. Contato: lusmarina@gmail.com

A esperança do deserto é árvore,
O desejo da terra rachada é chuva,
A vontade profunda da gente é ter alegria
Com integridade,
Ser tocada por um bocado de beleza
Que faça vibrar, tremer,
Trazendo lágrima ao olho
E sorriso à boca
Num momento de abandono das palavras e vazio sem fim.
Mas o vazio não é vazio só,
É espaço
De encontro
Com as nossas profundidades
E com aquilo que nos fez rir e chorar.

Belo é o que nos reconcilia conosco, o que nos expande e nos revela partícipes da humanidade e do universo em expansão. Belo é o que nos faz tremer por dentro, o que nos aproxima com intensidade de intimidade. Belo é o que nos faz sentir inteiros.

Os nossos cultos e celebrações litúrgicas têm essa capacidade? A capacidade de nos mover, reconciliar, envolver, revelar? Trazem lágrima ao olho e sorriso à boca com uma qualidade e significado profundos? Fazem uma hermenêutica das Escrituras e da vida que nos fortalece, desafia, consola e liberta? São cuidadosos equilibrando gênero, idade, orientação sexual, cor, capacidades físicas e intelectuais diferenciadas? Evocam as nossas profundidades ou se contentam com a superfície? São bonitos?

Luís Maldonado diz que “beleza é um atributo divino, uma energia divina, uma das áreas fundamentais da presença de Deus em sua criação; beleza é o ‘êxtase’ de Deus”.³ Gosto do conceito. O dicionário Aurélio diz que êxtase é “arrebato íntimo, enlevo, arroubo, encanto; admiração das coisas sobrenaturais, pasmo, assombro”.⁴ É isso: belo é aquilo que nos captura, arrebatada, rouba a respiração; conecta-nos com as nossas profundezas de modo que parece que a gente nem está na gente, está fora. Belo é o que rasga o momento histórico no qual estamos situados e nos leva para outro lugar e outro tempo. Mas, no fim, não é outro tempo, é o nosso próprio. É que a gente ganha olhos para ver o que não via antes, ouvir o que não era audível e sentir de um jeito que acabou de ser inaugurado.

Maldonado diz que “precisamos redescobrir a ‘beleza última’ que traz o sopro e o fogo do Espírito para nós”. Ele continua: “O Espírito é a *hypostasis* (a essência) da beleza. Beleza absoluta é

³ In CONCILIUM, Símbolo e Arte no Culto, p. 8.

⁴ Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, p. 745.

a beleza da face de Deus nas pessoas, o ícone do Cristo ressuscitado; e a beleza dos rostos das pessoas em Deus [...] Por meio do Espírito da beleza, Deus sai de si mesmo, a terra se torna receptiva e o céu passa a existir”.⁵

Estética é “local” e “alheia”

O senso de estética é variável de lugar para lugar, de pessoa para pessoa, de comunidade para comunidade. Cores e formas, cheiros e materiais que nos rodeiam, o senso de ordem ou caos que desenvolvemos, constroem a nossa noção de beleza ou feiura. Mas também a nossa capacidade de imaginar o desconhecido e entrar em “universos alheios” nos impulsiona a criar outras formas e a expandir nossas percepções, e assim os nossos valores estéticos vão se ampliando, modificando, renovando, afinando. O belo não precisa ser complexo; é simples. A sofisticação não é matéria de pompa ou requinte, mas de afinidade.

Porque o belo não é o mesmo em todos os lugares e para todas as pessoas, a mesma celebração litúrgica terá valor estético diferenciado em lugares diferentes. O que é belo no Rio de Janeiro não é necessariamente no Rio Grande do Sul ou no Maranhão. O que faz a minha comunidade “tremer por dentro” pode não fazer a sua. Por isso, o culto precisa ter raízes locais, precisa estar afinado com expressões, sons, cores e formas que tenham significado para um local determinado, uma comunidade específica. Muito se tem trabalhado com o tema da “inculturação”, majoritariamente do Evangelho, mas também da liturgia. E acredito que muito há que se trabalhar ainda. Processos de criatividade têm se instalado no seio de inúmeras igrejas e congregações, seminários e conferências. Grupos de liturgia se formam. Um grupo é melhor que uma pessoa, no sentido de que o grupo tem melhores chances de expressar mais adequadamente a complexidade da comunidade. Uma pessoa com habilidade artística pode ser quem “afina” o que o grupo criou.

No entanto, é importante não confundir criatividade com improvisação e arte na liturgia com amadorismo. A inspiração que inicia um processo criativo pode acontecer rapidamente, mas a expressão artística é resultado de um processo intenso, que requer tempo de gestação e estrutura. Não estou dizendo que apenas artistas profissionais podem produzir liturgia com arte, mas é preciso trabalhar-se com cuidado, delicadeza, competência e sensibilidade, apurando mais e mais uma determinada expressão – um gesto, uma oração, a leitura de um texto, uma canção.

Como estava dizendo, a estética de um lugar se diferencia da estética de outro. Mas o que é “local” não está desligado do que é “alheio”, do que “vem de fora”. Não é preciso haver exclusão de um ou outro, mas é preciso haver conhecimento e sabedoria para que um não se imponha sobre o outro; é preciso haver hermenêutica e interpretação de modo que as estruturas “de lá” dialoguem com as estruturas “de cá”.⁶ É a comunidade local que reinventa para si mesma os significados e as belezas que “o alheio” lhe oferece. A Bíblia, por exemplo, é um texto “alheio”; não nasceu da experiência do povo brasileiro.⁷ Tem estéticas, linguagens, valores, imagens, simbologias, éticas, estruturas de pensar e de sentir que pertencem a outro lugar. E, apesar de ter

⁵ In CONCILIUM, Símbolo e Arte no Culto, p. 8. Tradução da autora.

⁶ É a tensão entre o universal e o local. Há muita discussão a respeito de se realmente é possível falar-se do “universal”. Existe, de fato, algum valor, alguma expressão, alguma teologia e, por que não, alguma liturgia que seja “universal”?

⁷ “Povo brasileiro” é uma generalização; é uma “categoria” muito ampla. Obviamente o Brasil não tem “uma” cultura, mas centenas e talvez milhares de culturas. Por isso, uso o termo “povo brasileiro” mais como símbolo que como categoria de análise.

sido um texto “imposto”, por razões e em momentos históricos diferentes, hoje a acolhemos como texto que liberta, pelo menos em partes do cristianismo latino-americano e global. É certo que há outros cristianismos que a usam como instrumento de exclusão e método classificatório de pertencas ou não. Falo da Bíblia porque é um texto fundamental nas nossas liturgias e teologias. Ela articula e, muitas vezes, define a nossa estética religiosa e litúrgica.

O texto e o movimento

Uma pergunta que me faço diante de um texto bíblico é: qual é o movimento do texto? Um colega me perguntou outro dia: toda vez que você lê a Bíblia você pensa em dança? Refleti um pouco e a resposta que escapou dos meus pensamentos foi: sim. Não estava falando de dança como uma convulsão de movimentos e coreografias e figurinos, como o nosso carnaval e outras festas populares.⁸ Estava pensando em movimentos simples. Talvez um gesto só. Um sopro. Um olhar que penetra. Mas também podem ser movimentos mais complexos que contam uma estória. O texto tem movimento em si mesmo. Não só o da Bíblia; todo texto. Se nos afinarmos a ele, entramos no seu movimento, e o texto se transforma em gestos, formas, sons, cores, outras palavras, movimentos evocando outros movimentos naqueles e naquelas que se deixam mover. O corpo se afina ao texto;⁹ ouve seus sons, vê seus contornos, sente seus sabores, cheiros... O corpo, nossos corpos de leitores ressuscitam o texto; fazem o texto viver. Não é bonito isso, que o texto viva em nós?

Chung Hyung Kyung¹⁰ inverte o sentido ao afirmar que “nós somos o texto, a Bíblia é o contexto”.¹¹ Se dou ainda outro passo, digo: nós, a Bíblia e tudo o que aponta para Deus é o texto; o Espírito é o contexto. É no Espírito que tudo se encontra, se pertence, se articula, se condensa, se expande. O Espírito é movimento em si mesmo. De acordo com Geiko Müller-Fahrenz, o Espírito é a

energia maternal de Deus, o poder inexaurível e criativo que é extremamente terno nas brisas suaves e maravilhosamente feroz na tempestade. É a respiração, inspiração e a alma do mundo. O Espírito de Deus se estende na medida em que Deus fala, pois o falar de Deus sempre inclui ação e processo.¹²

Eu gosto do texto do Geiko porque nele identifico um Deus-Espírito que não é estático, monolítico, fechado; ao contrário, é dinâmico, relacional, flexível, em processo de mudança, em processo de refazimento. Não soa como Deus imutável; é Deus em processo.

Pois então, soltos no movimento que o Espírito representa, você, eu, os nossos corpos e as nossas comunidades entram no movimento do texto e se transformam em texto, que por sua vez se torna gesto, forma, cor, expressão, pulsação.

⁸ Embora o trabalho de “inculturação” da liturgia nos leve ao carnaval e a outras festas como analogias apropriadas.

⁹ Lembro-me da poesia de Bartolomeu Campos Queirós. “*Há que se afinar o corpo até o último sempre. Exercer-se como instrumento capaz de receber a poesia do mundo. Poesia suspensa em rotação e translação. Movimentos moderados alinhavando dias, luas, estações e colheitas, minutos e milênios, provisoriamente*”. *Minerações, Belo Horizonte, Ed. RHJ, 1991*.

¹⁰ Chung Hyun Kyung é teóloga feminista presbiteriana coreana, professora de teologia no Seminário Teológico Unido em Nova Iorque.

¹¹ Esta frase foi dita numa palestra que Chung proferiu na Igreja Luterana de Genebra em 2005. É anotação minha.

¹² Geiko Müller-Fahrenz. In *God’s Spirit: transforming a world in crisis*, p. 13. New York: Continuum; Geneva: World Council of Churches, 1995.

O símbolo e outras experiências

Quando um determinado gesto, objeto, forma, cor, palavra, ou mesmo uma pessoa, impacta um indivíduo ou uma comunidade, profunda e significativamente, esta coisa ou pessoa se torna um símbolo. Símbolo é aquilo que reúne. É aquilo que tem poder para criar um laço de identificação irremediável no seio de um grupo, comunidade ou povo. Símbolo é aquilo que emerge com poder de atração.

O cristianismo é rico em termos simbólico, e o espaço litúrgico é o lugar por excelência de expressão e vivência deste universo herdado da história do cristianismo. Entretanto, esta herança histórica se atualiza na medida em que atualizamos os seus significados para nós mesmos; na medida em que interage com aquilo que tem a força de nos juntar hoje, aqui, no lugar onde estamos, a partir daquilo que experimentamos no nosso cotidiano. Por isso, no processo de elaborar uma liturgia, penso ser importante que nos perguntemos: O que há de comum na nossa vida comum? O que nos reúne? O que tem poder para nos conectar enquanto comunidade local e enquanto Comunhão global? O que, na experiência comunitária, se levanta com força de atração?

Relato, brevemente, uma experiência referente à paróquia que pastoreei nos últimos nove anos.

Trabalhei como pastora na Igreja Luterana de Genebra, Suíça, comunidade anglófona. É uma comunidade internacional e ecumênica. A maior parte dos seus membros fala inglês como segunda ou terceira língua. Há cerca de sessenta nacionalidades. As culturas, os valores, os gostos, os costumes, as maneiras de pensar, agir e de se expressar das pessoas são distintos. Na minha prática pastoral, teológica e litúrgica, perguntas acerca do que nos reunia eram frequentes e de fundamental importância. Menciono quatro respostas identificadas.

1. Reunia-nos a fé. E isto não era óbvio, considerando as diversas tradições cristãs, com suas diferenças teológicas e práticas variadas. Só o universo luterano é heterogêneo em si próprio. Entretanto, abraçadas por esta tradição, as pessoas encontravam o seu lugar e se compunham como comunidade de fé. Mais do que prática de tolerância, era um exercício de descobrir, sempre de novo, o que fazia sentido para nós, o que podia tornar-se comum, o que tinha a força de nos reunir e o que nos fazia tremer por dentro.

2. Reunia-nos o amor pela diversidade. Depois de cruzar a barreira da estranheza, experimenta-se a beleza da diferença e chega-se à compreensão de que nenhum de nós está “concluído”. Cada pessoa se constitui num desafio e numa possibilidade para a outra. Aprendíamos continuamente e vivíamos continuamente a tensão de “aprender de novo” e, ao mesmo tempo, de “preservar” valores culturais e práticas éticas e teológicas que nos assegurassem alguma noção de identidade. Não é evidente, mas é correto que uma nova cultura e uma nova identidade vão se desenvolvendo no processo de ser comunidade (multicultural ou não) que se constrói e se reconstrói constantemente. Afinal, identidade é matéria de construção, progressão e do sopro do Espírito vibrando em nós, não é mesmo?

3. Reunia-nos o exercício da abertura e da flexibilidade. O contrário era difícil, dolorido muitas vezes, causava isolamento. Verdades precisavam ser revisitadas; teologias revistas.

4. Reunia-nos o culto; este era o momento de encontro mais intenso. Mantínhamos a ordem litúrgica (semelhante à ordem usada pela IECLB) e escrevíamos um texto novo a cada semana. No entanto, o desafio de encontrar “linguagens” que comunicassem “para além da palavra” era constante. Por isso, nós nos lançávamos num processo contínuo de busca de

imagens, significados, ritmos, expressões que tivessem a competência de comunicar num nível mais profundo. Buscávamos a arte. E, nesta busca, muitas vezes encontrávamos símbolos.

Na quaresma passada, trabalhamos com a imagem do “caminho das pedras”. Sabem, aquelas pedras num rio ou riacho que a gente, ao caminhar sobre elas, não afunda. E, assim, tivemos pedras organizadas como caminho, dentro da igreja, a quaresma inteira. Cada domingo uma pessoa dava um testemunho relatando uma experiência na qual ela poderia ter-se “afundado e afogado”, mas, por um determinado motivo, isto não aconteceu. As pessoas que testemunhavam ficavam de pé em cima da pedra, para falar. Os testemunhos foram muito comovedores, fortes. As pessoas que faziam as orações de intercessão ficavam de pé sobre as pedras, eventualmente. A pastora também, algumas vezes, fazia a acolhida ou o momento de confissão de pecados e proclamação da graça, de cima da pedra. As crianças que voltavam para a igreja, depois da sua escola dominical, gostaram da ideia e começaram a brincar sobre as pedras, pulando de uma para a outra. Foi bonito de ver! Muita gente, ao ir comungar, parava sobre uma pedra para fazer uma oração. E, assim, a imagem do caminho das pedras foi sendo acolhida pelas pessoas que passaram a tocá-las e a orar sobre elas. Era como se cada pedra tivesse se transformado num altar, um altar impregnado das estórias e da vida das pessoas. Na sexta-feira santa, quando as pedras se transformaram na cruz de Cristo, a comunidade inteira caminhou descalça sobre elas num gesto de acariciamento e discipulado, acariciamento das pedras/estórias/altares, e numa afirmação de que seguimos o caminho da cruz com Jesus. As pedras viraram símbolo. E símbolos permanecem até agora.

O “caminho das pedras” foi a imagem que virou símbolo por causa dos significados que passou a ter para a comunidade. Mas a imagem não basta, é preciso que o texto, os gestos, os sons do culto estejam todos “falando a mesma linguagem”. As orações, as acolhidas, as homilias, as canções, os textos da Eucaristia, as bênçãos, os envios, tudo precisa expressar o conteúdo, o conceito, a ideia fundamental. A liturgia é “uma peça” inteira.

E “colcha de retalho”, também é peça inteira, não é? É. E muitas liturgias se constroem assim, como “colcha de retalho”. Um poema tirado de um livro aqui, um gesto trazido de uma conferência da qual alguém participou, uma canção tirada de outro livro ou aprendida num evento, uma homilia escrita em outro lugar, uma oração improvisada, e assim consecutivamente. Não há nada de errado com a “colcha de retalhos”; ela pode virar uma “peça” linda. Mas ela precisa ter unidade em si própria, precisa ter “acabamento”.

Reconheço que criar uma liturgia a cada semana é um processo exigente, e um grande número de comunidades não tem os recursos necessários para tal. Então copiamos, ou usamos o que a sede da nossa igreja produz. Está correto, sempre que a liturgia ganhe expressão local, sempre que a comunidade consiga “se encontrar” no texto, naquilo que está proposto. Quando digo “criar uma liturgia a cada semana”, não estou sugerindo mudar o *ordo* litúrgico; este está estabelecido e deve ser o parâmetro dentro do qual trabalhamos. Assim como o calendário litúrgico, que é construção conjunta da *oikoumene*.

A liturgia precisa ter raiz local, mesmo que esta raiz seja diversa e complexa. E precisa ser bonita, mesmo que a estética da comunidade seja variada. Ao preparar uma celebração, a/o liturgista ou a equipe de liturgia precisa entender “o que reúne” a comunidade que celebra; como ela “se encontra” consigo mesma, com “o outro”, com “a outra” e com Deus, ou, na mão inversa, como Deus se encontra com ela. E precisa buscar expressões, novas ou antigas, que possibilitem essa “reunião” e esse “encontro”.

O Brasil é um país de raízes pluriculturais. Qualquer celebração litúrgica que queira ser espaço acolhedor e que queira se comunicar com a população, de modo amplo, precisa levar a sério esta realidade. E precisa buscar beleza.

A beleza da liturgia não é uma questão “só” de estética da expressão, quero dizer, de quão bonita é uma oração, um movimento, uma leitura, a pintura, o painel, o altar, os paramentos, o mosaico, o poema, a ordem; mas o que a expressão estética está comunicando, onde ela está firmada, que “vozes” ressoa, que “teologias” expressa. Não estou dizendo que a arte litúrgica deva ser descritiva! Mas ela precisa perguntar questões de conteúdo e de significado para que sua expressão esteja conectada (afirmando ou desafiando; em alguns casos negando) tais conteúdos e tais significados.

Alguns meses atrás usei uma afirmação de fé diferente do Credo Apostólico. Uma mulher da comunidade me agradeceu e disse que há muitos anos ela não tinha sido capaz de confessar a sua fé de maneira profunda e tão próxima dela mesma. Disse que foi a primeira vez que ela conseguiu “se encontrar” nas palavras da confissão de fé. O texto é esse:

Cremos em Deus,
Pai e Mãe de toda a humanidade,
que por amor gerou, a partir de si mesmo,
mulheres e homens à sua imagem e semelhança
e todas as coisa visíveis, invisíveis, conhecidas e por conhecer.
Cremos em Jesus Cristo, nosso irmão,
que, de maneira terna e irresistível, ofereceu seu corpo
para redimir-nos de todo o pecado e mal;
ele, que a fim de operar salvação em favor da criação inteira,
convocou discípulas e discípulos, fez-se amigo das mulheres
e deixou-se interpelar por elas;
rompeu conceitos e pré-conceitos para estabelecer uma ética de amor,
que valoriza a diferença e não se cala frente à injustiça.
Cremos no Espírito Santo, que se revelou como pomba, chocadeira de vida,
que sopra livre no meio das estruturas corrompidas da nossa sociedade,
para transformá-las,
que consola as pessoas enfraquecidas, sós, marginalizadas e doentes,
que ora é vento forte, ora brisa suave; aroma inebriante que faz viver.
Na vida, na morte e na vida depois da morte, nós cremos em ti.¹³

¹³ Escrevi esta afirmação de fé há alguns anos.

O Credo Apostólico e o Credo Niceno-Constantinopolitano, que usamos semana após semana para confessar a nossa fé, são textos-símbolo em si próprios. Eles expressam um entendimento de Deus, do mundo e das pessoas que é fundamental para muitos, e é histórico. Mas é verdade que eles conseguem captar a diversidade de compreensões e realidades das pessoas de hoje e de Deus? São eles suficientemente inclusivos para considerar a vida das mulheres ou a experiência das crianças? Não. A liturgia, se quer comunicar bem, precisa ouvir os anseios das pessoas, seus desejos profundos, sua vida. Precisa revisar conceitos, teologias, formas, jeitos de fazer e de pensar.

Há alguns anos participei de uma equipe de liturgia que preparou as celebrações litúrgicas da Assembleia Mundial da Associação Cristã de Mulheres Jovens (YWCA).¹⁴ Foram dez celebrações; levamos mais de um ano para conceber as ideias, escrever o texto e implementá-lo. O tema do evento era *“Transformando Vidas, Transformando Comunidades”*. O logotipo era um colar formado por um triângulo de contas que é normalmente usado pelas mulheres Maasai do Quênia.¹⁵ A equipe de liturgia precisava tomar em consideração que o evento era de mulheres (para mulheres e homens), com um tema específico, com um logo específico, com documentos convocatórios, realizado no Quênia. Como tudo isso se conecta?

Nosso texto de base foi Romanos 12 versos 1 e 2.¹⁶ “Pela misericórdia de Deus”, assim começa o texto. Baseados no trabalho de Phyllis Trible¹⁷, que expôs a relação que existe entre a palavra hebraica do Antigo Testamento para “misericórdia” (*rechem*) e a palavra hebraica para “ventre materno” (*racham*), a equipe de liturgia trabalhou com a imagem do “ventre materno de Deus” como uma das imagens bíblicas de Deus. Conectamos a esta imagem o texto de Oséias que fala de Deus como uma mãe terna que guia o seu povo com “laços de bondade e cordas de amor” (Oséias 11:4).¹⁸ Escrevemos o texto dos cultos considerando essa imagem e outras que foram emergindo no processo.

Como o texto e a imagem viram expressão artística e símbolo? Pedimos a um artista visual para criar um “ventre”. Era uma grande estrutura de arame coberto de papel vermelho-carne sobre uma armação de madeira. No primeiro dia, uma dançarina “rompe” a estrutura e sai do “ventre”. Ela veste vermelho também. Ela dança. E parte da dança é trazer para fora do “ventre” centenas de “cordas” de couro,¹⁹ contas de vidro, madeira, barro, e centenas de sementes locais. A semente é grande²⁰ e já tem um gancho que vai servir para pendurá-la mais tarde. O cordão é suficientemente fino para receber a semente e as contas que serão dependuradas nele nos dias futuros. As pessoas recebem o cordão e a grande semente no primeiro dia. Tem oração, momento de reflexão, canto, homilia e poesia que ajudam o cordão a se tornar “laço de bondade e corda de amor”. Tem dança que conecta o cordão com a misericórdia e o ventre, a semente com parição. O universo simbólico é estabelecido. Mas obviamente o símbolo só vira símbolo se conseguir “reunir”, “juntar”, estabelecer uma conexão tão profunda de modo

¹⁴ O evento aconteceu em Nairobi, Quênia, em julho de 2007.

¹⁵ Povo do leste africano que fala a língua Maasai.

¹⁶ “Irmãos, pela misericórdia de Deus, peço que vocês ofereçam os próprios corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus. Esse é o culto autêntico de vocês. Não se amoldem às estruturas deste mundo, mas transformem-se pela renovação da mente, a fim de distinguir qual é a vontade de Deus: o que é bom, o que é agradável a ele, o que é perfeito”.

¹⁷ Phyllis Trible é uma exegeta e lingüista norte-americana. O título do livro no qual ela expõe a relação entre as palavras *rechem* e *racham* é “God and the Rhetoric of Sexuality”, p. 31 a 59. Philadelphia, Fortress Press, 1978.

¹⁸ Trabalhamos com outras imagens para Deus também, como por exemplo, a do leão de Amós 3:8.

¹⁹ Cordões medindo cerca de 1 metro cada.

²⁰ No Quênia é chamada de “Fig Seed”, semente de figo. Talvez pela semelhança com um figo.

que a comunidade “se veja”, “se encontre” nele. E assim foi. O cordão, a semente, as contas foram sendo distribuídas gradativamente, a cada dia. Cada um deles “participava” da liturgia rodeada de texto, movimento e música, e cada um deles ganhava um significado dado pela pessoa que o recebia. As pessoas oravam com as contas na mão, ou davam nomes a sofrimentos, a libertações, a memórias. No final, os colares que cada pessoa fez tinham muitas estórias, nomes, emoções, sabedorias; um caminhar de vidas que se misturou ao caminhar desta comunidade que se formou naqueles dez dias.

O pessoal da YWCA recebeu alguns milhares de mensagens depois do evento nas quais as pessoas diziam que continuavam usando os seus colares e nas quais relatavam como as celebrações litúrgicas impactaram as suas vidas, mudaram sua visão de Deus e das relações humanas, fortaleceram suas lutas e suas esperanças. Não é a isso que celebramos?

Como trazer de volta a beleza e a arte para dentro das nossas celebrações litúrgicas?

Afinando-se.

Para receber a poesia do mundo, do texto bíblico, da vida de quem celebra.

Para ouvir as vozes e os anseios, as razões e os medos, as alegrias e aquilo que dá coragem.

Para fazer silêncio diante do que se ouviu e transformá-lo em canção.

Para rever compreensões, estruturas e teologias.

Para abrir diálogo entre o histórico e o contemporâneo.

Para perceber o que tem poder de “reunir”, “juntar”, de trazer lágrima ao olho e sorriso à boca.

Para entender o que faz sentido; para propor outros sentidos.

Para alinhar com jeito os diferentes momentos, as palavras, os gestos, os sons, as imagens, os cheiros, os significados. Alinhar com jeito!

Para ter tempo de gestação, impulso e pulsação.

Para arrumar os espaços, respeitar os espaços e criar espaço.

Para aprender que o diferente é bonito também.

Para que a sensibilidade e a arte sejam parceiras inseparáveis da liturgia.

Para saber que o deserto e a árvore, a terra rachada e a chuva, a lágrima e o sorriso, os vazios e as profundidades, as reconciliações e intimidades, as pedras e os caminhos, as sementes e os cordões, os ventres e as misericórdias, a beleza primeira e a última, o Espírito, são metáforas de eternidade. E eternidade é aqui, agora, ontem, amanhã e aquele lugar e tempo que a gente ainda não conhece.

Afinando-se, até que quem escreve se torne o texto, papel misturado com palavras em movimento; palavras que amam, libertam, fazem viver, experimentam a morte e insistem em viver de novo. Acho que é mais ou menos assim!

Duas perguntas

1. O que faz a sua comunidade “tremar por dentro” quando celebra?

2. Quais são as alternativas a serem buscadas para que as suas celebrações litúrgicas expressem o dinamismo da vida comunitária, sua contemporaneidade em diálogo com os conteúdos históricos da fé, de um jeito bonito?

Referências

ALVES, Rubem. *Culto e Arte, quaresma e páscoa*. Petrópolis, Vozes e Campinas, CEBEP, 2001.

CAMPOS DE QUEIROS, Bartolomeu. *Minerações*. Belo Horizonte: RHJ, 1991.

DONGHI, Antonio. *Gestos e Palavras; iniciação à linguagem simbólica*. São Paulo, Paulus, 1995.

HOWES, Graham. *The Art of the Sacred*. New York, I. B. Tauris & Co. Ltd, 2007.

MALDONADO, Luis e POWER, David. Symbol and Art in Worship. In *CONCILIUM*. Edinburg: T. & T. Clark e New York, The Seabury Press, 1980.

MÜLLER-FAHRENHOZ, Geiko. *God's Spirit: transforming a world in crisis*. New York : Continuum ; Geneva : WCC, 1995.

TRIBLE, Phyllis. *God and the Rethoric of Sexuality*. Philadelphia, Fortress Press, 1978.

YWCA Council, *Worship with Singing*. Nairobi, Africa Church Information Services, 2007.